

Samanta Fioravante Oliveira

**A EMINÊNCIA DO AMOR E A IMINÊNCIA DA MORTE:
SOBRE A FARRA DO BOI NOS GANCHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Departamento de
Antropologia da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Bacharel em Antropologia
Orientador: Prof. Dr. Rafael José de
Menezes Bastos

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fioravante Oliveira, Samanta

A eminência do amor e a iminência da morte : sobre a
Farra do Boi nos Ganchos / Samanta Fioravante Oliveira ;
orientador, Rafael José de Menezes Bastos - Florianópolis,
SC, 2014.

63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Antropologia.

Inclui referências

1. Antropologia. 2. Farra do Boi. 3. Tauromaquia. 4.
Colonização Açoriana. I. Menezes Bastos, Rafael José de.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Antropologia. III. Título.

Samanta Fioravante Oliveira

**A EMINÊNCIA DO AMOR E A IMINÊNCIA DA MORTE:
SOBRE A FARRA DO BOI NOS GANCHOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel”, e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Antropologia

Florianópolis, 03 de dezembro de 2014.

Prof. Gabriel Coutinho Barbosa, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael José de Menezes Bastos,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Márnio Teixeira Pinto,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a. Alícia Norma Gonzáles de Castells, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus filhos,
Heloísa e Heitor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Departamento de Antropologia desta universidade, especialmente àqueles os quais eu fui aluna.

Agradeço especialmente a Professora Miriam Hartung, que me lançou, sem saber, ao meu tema de pesquisa. Ao Professor Márnio Teixeira Pinto, por me iniciar na pesquisa, dando minhas primeiras orientações e leituras, e por permanecer sendo meu co-orientador mesmo sem querer. Ao Professor Rafael José de Menezes Bastos, que me vem orientando desde o início e ao CNPq, através dele, que, por um período considerável da graduação, me forneceu uma bolsa de estudos.

Agradeço também ao Marcos Farias de Almeida, antropólogo perito no Ministério Público Federal, com o qual eu tive a oportunidade e o privilégio de estagiar por dois anos.

Agradeço aos meus colegas de curso, com os quais tive bons e maus momentos, e com os quais eu pude muito aprender. Especialmente ao Daniel “Milk” Leite Pereira. Obrigada pela inexplicável amizade.

Agradeço especialmente a minha família, aos meus pais e avós pelo amor e pelo apoio, e aos meus filhos pelo amor e compreensão. Só eles sabem.

Nenhum prazer estético será então possível sem que haja violação, transgressão, excesso, pecado em relação a uma ordem ideal [...] - assim como a morte subjacente dá cor à vida. (Leiris, 2001)

RESUMO

Minha pesquisa busca retomar a Farra do Boi – tauromaquia praticada em algumas comunidades de colonização açoriana no litoral de Santa Catarina – enquanto objeto de estudo antropológico. Sua justificativa se dá em virtude da permanência de tal brincadeira, a despropósito de sua proibição e criminalização recentes. A Farra, de ancestralidade mediterrânea, encontra seu antecedente imediato na Festa Brava da Ilha Terceira e nas várias outras formas de tauromaquia praticadas no arquipélago de Açores. Tem como referência a Semana Santa, sendo a ela mitologicamente vinculada, embora possa ocorrer durante todo o ano. Em território catarinense, a Farra do Boi gerou uma grande polêmica em meados da década de 1980, tornando-se crime ambiental e objeto de repressão policial. Sua criminalização se baseou nas acusações de maus-tratos aos bois, coincidindo com o momento de expansão dos movimentos ecologistas e de proteção aos animais e com o “boom” demográfico e início da especulação imobiliária. A imprensa foi a maior responsável pela constituição de uma opinião pública contrária ao rito e pelo processo de crítica, vigilância, repressão e criminalização a ele dirigido. A partir daí, ela vem apresentando mudanças em sua estrutura e, ainda que criminalizada, continuando a ocorrer todos os anos. Sua persistência aponta para ela como um sistema sociocultural, cosmológico-filosófico e político inesgotável e indispensável para a constituição da identidade das comunidades açoriano-brasileiras da Ilha de Santa Catarina e litoral fronteiro.

PALAVRAS CHAVE: Farra do Boi, Tauromaquia, Colonização Açoriana.

ABSTRACT

My research seeks to resume “Farra do Boi” – tauromachy practiced by some communities of azorean colonization on the coast of Santa Catarina – as an anthropological object. It’s justification is given by virtue of such a game’s permanence, despite of it’s prohibition and recent criminalization. The Farra, of Mediterranean ancestrality, finds it’s immediate antecedent in the Festa Brava of Terceira Island and in the various other forms of tauromachy practiced in the Azores archipelago. It is referenced to the Easter Break, being mythologically linked with it, although it can occur throughout the year. In Santa Catarina territory, Farra do Boi generated great controversy in the mid-1980s, becoming environmental crime and police repression object. Its criminalization was based on allegations of ill-treatment of oxen, coinciding with the time of expansion of green and animal protection movements and with the demographical "boom" and early real estate speculation. Press was the most responsible for the creation of public opposition to the rite and for the critical process, surveillance, repression and criminalization that is addressed. Since then, it has been showing changes in its structure and, although criminalized, still occur every year. It’s persistence points to it as a sociocultural system, cosmological-philosophical and political inexhaustible and indispensable to the constitution of the identity of Azorean-Brazilian communities of Santa Catarina Island and coastal front.

KEYWORDS: Farra do Boi, Tauromachy, Azorean Colonization

SUMÁRIO

FARRA DO BOI EM POUCAS LINHAS	15
À GUIA DE INTRODUÇÃO: “UM ESQUEMA ETOGRÁFICO”	18
ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA FARRA DO BOI ENQUANTO TEMA E OBJETO DE PESQUISA	22
CORRENDO ATRÁS DE UM BOI ou COMO CHEGUEI NOS GANCHOS...	26
2011	30
2012	32
2013	34
SOBRE A IMINÊNCIA DA MORTE	42
SOBRE TORNAR-SE ADULTO EM GANCHOS	47
SOBRE A EMINÊNCIA DO AMOR	51
AMOR E MORTE: UNINDO-SE MATERIALMENTE AO MUNDO	53
REFERÊNCIAS	59

Imagina se eu te falar assim, ó:

– Vamos numa festa?

– Vamos. Tá, e como é que vais ser essa festa?

– Cara, vai ser uma loucura, cara...

– Uma loucura?

– É.

– Mas tem polícia?

– Não. Não tem polícia.

– Não... meu documento do carro tá atrasado...

– Não! Pode ir com o documento atrasado, meu filho. Pode arrancar o teto e subir em cima.

– Sério, cara?

– É.

– Tem segurança, pelo menos?

– Não.

– Tem banheiro?

– Não.

– Tá, e demora quanto tempo isso aí?

– Ah, sei lá, cara. Às vezes uma semana.

– Não, cara. Esse lugar não existe. É uma rave?

– Não.

– Tem lugar pra... sei lá... que tu possa não entrar?

– Não. Tu pode entrar na casa de quem tu quiser.

– Como assim “na casa de quem tu quiser”?

– É. Tu pode entrar à vontade...

– Ah, cara. Mas esse lugar não existe...

– Esse lugar existe!

– Tá, pelo menos tem uma taxa assim ó, pra maiores e menores de idade?

– Nada, cara... Tem a velharada correndo, tem criança correndo...

– Correndo do que, cara?

– Correndo dum boi.

– Opa! Peraí! Correndo dum boi, cara? Pra que o boi?

– Ah, o boi é detalhe, cara. O resto é som.

– Ah, tá...

Essa festa não existe em nenhum lugar, cara. Eu já fui em rave muito louca que não chegava aos pés

da farra do boi. A Farra do Boi é a maior loucura do Brasil, com certeza!”¹

1 Víde de Izac Melo, no blog O ganxero [in <http://gancheiro.blogspot.com.br/2012/03/farra-do-boi-izac-melo.html>] [vídeo atualmente indisponível]

FARRA DO BOI EM POUCAS LINHAS

A Farra do Boi é uma tauromaquia² praticada em algumas comunidades de colonização açoriana no litoral de Santa Catarina, desde o século XVIII.

De ancestralidade mediterrânea, como a ταυροκαθάψια [Taurocatapsia³] a Farra encontra seu antecedente imediato na Festa Brava da Ilha Terceira de Açores e nas várias outras formas de tauromaquias terceirenses.

Sua ancestralidade é comum a todas as demais formas de tauromaquias praticadas até hoje neste e em outros continentes, como as Marradas nos Açores, a Garraçada em Portugal, as famosas Touradas e a Corrida de Touros de Pamplona na Festa de São Fermínio, ambos na Espanha, as Corralejas na Colômbia, o “Bull Jumping” na Etiópia entre outras. Todas as formas de práticas taurocêntricas são um elemento da cultura mediterrânea presente na porção ocidental de nossas próprias configurações culturais.

2 Arte de tourear, de correr touros [in Dicionário Houaiss]

3 Motivo de arte figurativa da Idade do Bronze Médio, nomeadamente da Creta minoica, mas também encontrada na Anatólia dos hititas, no Levante, Bactria e no Vale do Indo. Muitas vezes, é interpretado como uma representação de um ritual realizado em conexão com a adoração do touro. Este ritual consiste de um salto acrobático sobre um touro; quando o saltador segura os chifres do touro, o touro violentamente empurrará seu pescoço para cima, dando ao saltador o impulso necessário para executar saltos mortais e outros truques acrobáticos ou acrobacias. Na Civilização Minóica, mais do que puramente um motivo iconográfico, foi um ritual religioso e/ou esporte ritual. Especula-se que o mito clássico de Teseu e o Minotauro tenha se originado de tal ritual. [in <http://dicionario.babylon.com/grego/portugues>]

Diferentemente de outros lugares, em território catarinense a Farra do Boi gerou uma grande polêmica, tornando-se crime ambiental⁴. Isto se deveu a sua visibilidade a partir do crescimento urbano da capital e da expansão turística do litoral em meados da década de 1980, proporcionando a vinda de pessoas especialmente de outros estados. Embora a justificativa de sua criminalização seja as acusações de maus-tratos aos bois, para além, as pesquisas sobre o tema mostram que a origem da problematização da Farra tem a ver com uma oposição entre “os daqui” e “os de fora”, e suas divergentes visões de mundo, especialmente no tocante à brincadeira.

4 BASEADO NA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL O ACÓRDÃO 153.531-8 DE 1997 DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Considera a farra do boi uma crueldade com os animais, ofensiva ao inciso VII do artigo 225 da Constituição Federal e proíbe sua realização, ainda que sem violência e dentro dos mangueirões, sob pena de responsabilização de seus agentes. ARTIGO 225 DO CAPÍTULO VIDA CONSTITUIÇÃO FEDERAL Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Parágrafo 1º — Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: [...] proteger a fauna e a flora vedadas, na forma da lei, as práticas que possam colocar em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou que acabem por submeter os animais à crueldade. LEI DOS CRIMES AMBIENTAIS (LEI 9.605 DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998) É crime contra a fauna praticar atos de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos. Pena: detenção de três meses a um ano e multa. A pena é aumentada de 1/6 a 1/3 se ocorrer a morte do animal.

In:

<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2010/04/reportagem-do-diario-catarinense-acompanha-farra-do-boi-em-governador-celso-ramos-2862774.html>

Tal criminalização tornou a brincadeira, de prática da cultura popular local a tema de debate nacional e internacional, impingindo uma imagem negativa e distorcida, não só dela mesma, como do próprio estado de Santa Catarina, especialmente dos habitantes do litoral.

Apesar de reprimida e criminalizada, a Farra do Boi continua a ocorrer todos os anos, apresentando inclusive algumas mudanças em sua estrutura. Tal permanência aponta para sua importância cultural e mais, importância política, pois desde o seu boom repressivo, a Farra passou a ser também para seus praticantes objeto de insurgência e pertencimento cultural, um fator de diferenciação entre “os daqui” e “os de fora”, indispensável para a constituição da identidade das comunidades açoriano brasileiras da Ilha de Santa Catarina e litoral fronteiro.

À GUIA DE INTRODUÇÃO: “UM ESQUEMA ETOGRÁFICO”

Antes de seguir, considero importante fazer algum tipo de descrição desta tauromaquia, a Farra do Boi, a fim de diferenciá-la das demais, expondo – pela perspectiva dos rituais – certos ordenamentos comuns, geralmente presentes tanto nas etnografias quanto nas narrativas dos farristas; oferecer uma perspectiva de dentro do evento. Para isso, irei me apropriar aqui de um “esquema etnográfico do ritual”, de Rafael José de Menezes Bastos (in LACERDA, 1990:42-43):

Muito embora o boi, a rigor, possa ocorrer em qualquer época do ano, ele parece ter os períodos natalino e pascal como datas preferenciais de encenação [...]. Liberados os potenciais farristas da rotina do trabalho, dedicam-se eles a grandes libações alcoólicas comunitárias. Note-se que aqui que a resistência a grandes quantidades de bebida, sem embriaguez imediata, parece constituir-se num valor de coragem e bravura – quanto mais beba um homem e, simultaneamente, quanto mais ele pareça não distanciar-se do auto-controle, mais ele será valorizado, epicamente. [...] o que a bebida deve agora propiciar é a aquisição de um éthos animado, quer dizer, eufórico e empático, e ao mesmo tempo largamente associativo – o bebedor deve ser um camarada membro da turma. É importante registrar que este tipo de farra é costumeiro em praticamente todo o fim de semana do ano, os bares dos bairros desempenhando neste contexto um relevante papel aglutinador da comunidade masculina. Nas épocas natalina – que culmina nos primeiros dias do ano seguinte – e pascal – cujo poder de clímax é o Sábado de Aleluia - , esses contornos

avolumam-se consideravelmente, porém: o relógio do trabalho como que pára e, então, os dias – e, muito mais, as noites – são como se fossem incomensuráveis e irrepetíveis. [...] A data aqui, a seriação numérica dos dias, é posta entre parênteses. Tal o espírito da *Farra* – uma máquina de tempo.

Muito embora as libações e comentários se centralizem nos homens, deve ser reportado que não parece haver aqui restrições à presença e, mesmo, participação de crianças e mulheres nesses encontros. Conforme registra Martins (1988), lá estão estas no bar junto a seus maridos e pais bebedores como que a quererem comunicar que a festa é *familiar*, não podendo corromper-se, por exemplo, em *arruaça* e *falta de respeito*. Segundo depoimentos [...] parece que havia ao menos em algumas localidades da *Ilha* e do *Continente*, um *Boi no Campo* exclusivamente de mulheres.

As libações do Natal e da Páscoa constituem-se, pois, no cenário inclusivo fundamental do *Boi no campo*, propiciando aos participantes a aquisição de um *éthos* ao mesmo tempo corajoso e associativo. (...) este *éthos* parece apontar para dois tipos complementares de pertinência - respectivamente, externa e interna – com relação às fronteiras dos grupos de participantes do ritual.

A decisão de desencadear, dentro do contexto dessas libações, um *Boi no campo* – ou vários, em seqüência -, é sinalizada por uma lista de subscrição de *sócios* para a festa. Isso se concretiza, via de regra, após vários dias de *farra* onde o apelo “vamos brincar de boi?” é continuamente emitido. Aqui, relembra-se *Bois* de *antigamente* e consideram-se os de agora, o par opositivo “nós”/ “eles” sendo uma constante absolutamente onipresente nos depoimentos [...] [onde] a fina crítica social ao desempenho governamental de agora é apenas o sinal de uma crítica muito mais profunda e abrangente no

tempo e no espaço: daquela que se reporta à transfiguração do processo de apropriação e uso da terra [...].

Aberta, então, a lista de subscrição para os *sócios* do Boi, os interessados se inscrevem em número suficiente para um igualitário do preço do (s) boi (s) a adquirir. [...] Reunido o dinheiro para a compra do animal, sai, então, um grupo de pessoas encarregadas disto. Continua-se a beber, o tempo de espera da chegada do animal sendo de grande excitação. Ao final de tanta expectativa, chegando a embaixada de pessoas com o animal adquirido – recebido com grandes alaridos – este é solto no campo disponível, começando então, as *brincadeiras* com o touro. [...] o local por excelência de ocorrência do ritual em análise é o *mato*, o animal aí deve ficar, juntamente, com os participantes, durante o tempo de *performance* das *brincadeiras*. *Antigamente*, homens ou mulheres, exclusivamente, internavam-se no *mato* para *brincar de boi*, aí permanecendo até a exaustão do animal, sua *mansidão*. No *mato*, os participantes dispunham apenas de cachaça, tabaco e farinha, *separados do mundo* [...] Solto, então, o boi, começam as *brincadeiras* de/ com o boi. Nota-se que as tais *brincadeiras* envolvem a todos, tanto os *sócios* quanto os participantes em geral da festa, inclusive crianças e mulheres. O animal, *bravo* por excelência, deve atacar os *farristas* que, ao mesmo tempo, o provocam e dele fogem. As provocações são feitas com gritos e outros ruídos, com panos vermelhos, com varas, correrias, etc. Latas, às vezes, são amarradas à cauda do boi que, continuamente, tem seu estado de ferocidade avaliado pelos participantes. Em alguns momentos, pude observar, por parte de alguns *farristas*, comportamentos imitativos do animal, isto através de gestos (marradas, coices, etc.) e de sons (mugidos, fortes ruídos nasais, etc.). Brinca-se *de* e *com* o boi aqui.

Quando o animal, à exaustão, transforma-se em manso, se houver outro (s) de reserva – ainda *bravos* -, as brincadeiras são reiniciadas. Note-se que durante todo o tempo as libações alcoólicas continuam.

Encerradas as *brincadeiras*, o boi é sacrificado, [...] a carne é partilhada entre os *sócios* da festa, uma boa quantidade dela é separada para um churrasco comunitário, realizado ali mesmo na área das *brincadeiras*. Este seria o sinal de encerramento do rito.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA FARRA DO BOI ENQUANTO TEMA E OBJETO DE PESQUISA

A farra do boi, tornada assunto publico para além de seus praticantes, parece demandar sempre uma opinião ou um posicionamento de quem fala sobre ela. Do mesmo modo que outras questões que envolvem visões de mundo irreconciliáveis [como aborto, pena de morte, eutanásia, entre outros] e geralmente tornadas objeto de criminalização, o assunto Farra do Boi parece exigir sempre uma resposta à pergunta “Você é contra ou a favor?”.

Em meu trabalho procurei tratar esta questão dentro da dimensão ética da empresa etnográfica. De fato não me compete estabelecer algum tipo de julgamento ou valoração ao determinado “grupo” objeto de meu estudo, a despeito de eu mesma, enquanto “pessoa”, fazê-lo. Compete-me sim transmitir um texto, dado a partir de minha experiência com outros, que transcenda um simples posicionamento de “opinião”. Apesar de sim, ter uma posição política a respeito da criminalização ou proibição da prática da brincadeira da Farra do Boi no Estado de Santa Catarina, e tendo pesquisado o tema por cinco anos.

Sempre que estive diante da fatídica pergunta: “Mas afinal, você é contra ou a favor da Farra do Boi?” minha resposta foi “não sou advogada, sou antropóloga”.

Como já escreveu Oscar Calavia Sáez, num texto sobre a Farra do Boi:

O ofício dos antropólogos não é aprovar ou condenar práticas: é entender como, queiramos ou não, há pontos de vista diferentes sobre qualquer assunto, pontos de vista plausíveis pelo menos para quem o sustenta, não raro intoleráveis para muitos outros. (CALAVIA SÁEZ, 2007:4)

E também Marshall Sahlins:

O relativismo cultural é, antes de mais nada e sobretudo, um procedimento antropológico interpretativo – ou seja, metodológico. Ele não consiste no argumento moral de que qualquer cultura ou costume é tão bom quanto qualquer outro, se não melhor. O relativismo é simples prescrição de que, para que possam tornar-se inteligíveis, as práticas e ideais de outras pessoas devem ser ressituidas em seus contextos históricos, e compreendidas como valores posicionais no campo de suas próprias relações culturais, antes de serem submetidas a juízos morais e categóricos de nossa própria lavra. A relatividade é a suspensão provisória dos próprios juízos de modo a situar as práticas em pauta na ordem cultural e histórica que as tornou possíveis. Afora isso, não se trata de forma alguma de uma questão de advocacia. (SAHLINS, 2004:59)

Outra questão que quero ressaltar antes de ir adiante é que, neste trabalho, opto muito mais por “não contar” do que “contar”. Primeiramente por estar tratando de um tema especialmente polêmico, em segundo lugar por ter feito trabalho de campo por conta própria, digo, sem ter sido convidada, e tratando de questões relativas à vida de

muitas pessoas, sendo deste modo inviável a autorização delas para publicar estes escritos. Agora o mais importante se trata simplesmente de ter vivido em campo, por estas e outras razões, experiências simplesmente impublicáveis. Por isso volto a ressaltar que **opto mais “não contar” do que “contar”**. Ou seja, o que se torna texto aqui é o que a minha “censura” ética permite escrever. O resto fica para as minhas memórias... No mais, sinto que,

Se estamos condenados a contar histórias que não podemos controlar, pelo menos não contemos histórias que acreditemos serem as verdadeiras. (CLIFFORD, 1998:96 – grifo do autor).

*

Apesar de polêmico, a Farra do Boi é um tema marginal por excelência: anárquico, fugidio e por fim, criminalizado, tornando suas tentativas em trazê-lo ao debate geral pouco produtivas em termos políticos.

As pesquisas anteriores sobre a Farra do Boi compreendem aproximadamente o período de 1990 a 2003, e vieram à tona devido ao “boom repressivo”. Em geral, abordam o tema especialmente pela chave dos rituais, considerando os aspectos políticos reivindicativos que a Farra adquiriu a partir de sua visibilidade.

Outra questão que é que, ainda que em sua maioria sejam etnográficas, estas pesquisas acabam por desenhar um “modelo ideal” e até, de certa forma, mítico da Farra. Entendo que, valendo-se de sua

legitimidade intelectual e acadêmica, este modelo tinha como objetivo ir de encontro às acusações contra a brincadeira, que naquele momento rumavam à sua proibição definitiva.

Com este trabalho busco, entre outras coisas, trazer uma etnografia de **uma** das possíveis formas de Farra do Boi contemporâneas. Para isso retomo o texto epígrafe deste trabalho, ele serve duplamente ao meu projeto. Primeiramente como uma espécie de meta *exegese nativa*, aqui interessante tanto porque seu narrador aborda o tema em questão enquanto um ritual [que é], ao mesmo tempo sem desconsiderar seus aspectos constituintes mais contemporâneos também enquanto rituais, e reconhecendo-o enquanto tradicional.

Em segundo lugar, pois posso dizer que ele de certa forma sintetiza as ideias mais gerais da minha pesquisa: pensar a Farra do Boi enquanto ritual de ancestralidade bastante remota, em seus aspectos mais atuais, entre eles seu contexto constringente bastante próprio; e buscar definir alguns de seus contornos simbólicos mais fundamentais. Assim, minha pesquisa tem como objetivo descortinar algumas possíveis estratégias encontradas pelos farristas através das quais pode se dar a permanência da Farra, sejam elas tanto de ordem logística – ligadas à sua dinâmica de organização –, quanto de ordem simbólica. As configurações culturais do mundo mediterrâneo – nas relações homem-natureza, suas agências e práticas taurocêtricas – que estão presentes na porção ocidental de nossas próprias configurações culturais.

CORRENDO ATRÁS DE UM BOI ou COMO CHEGUEI NOS⁵ GANCHOS

Minha pesquisa pelo tema teve início na quaresma⁶ de 2009, onde realizei pequenas tentativas de incursão a campo. Restringi-me inicialmente a Ilha de Santa Catarina, procurando seguir todo o tipo de indicação que me levasse ao “boi”. Entretanto, confesso que o “modelo etnográfico mítico”, ao qual já me referi, guiou inicialmente meu olhar de maneira negativa, causando uma dificuldade em identificar possíveis farras, sendo que, de partida, a primeira coisa pela qual eu procurava era mesmo pelo boi.

Não conseguindo nenhuma aproximação efetiva com o povo do boi em Florianópolis, circunscrevi meu campo à localidade de Ganchos, pertencente ao município de Governador Celso Ramos, litoral do estado, a 50 km de Florianópolis.

Minha escolha por Ganchos se deu por sua reconhecida fama de “território livre da Farra”⁷ – uma espécie de “Meca” da Farra do Boi, que recebe pessoas de vários municípios do litoral do estado e onde a fiscalização policial não é tão efetiva.

5 Opto em meu texto pelo uso “nos” Ganchos, em vez de “em” ou “à” Ganchos, por se tratar de um uso nativo.

6 Período de quarenta dias, subseqüentes à Quarta-feira de Cinzas, em que os católicos e algumas outras comunidades cristãs se dedicam à penitência em preparação para a Páscoa; quadragésima quarentena. [in Houaiss].

7 Note-se que este “livre” quer dizer livre para ocorrer, e não livre por não mais ocorrer. O termo também é referenciado no início de Farra do Boi, o documentário (1992/25'/16 mm) de direção de Zeca Pires e Norberto Depizzolatti [in <http://www.youtube.com/watch?v=sTUiEk5ELoU> (parte 1) e <http://www.youtube.com/watch?v=3QQ072YrgEY> (parte2)]

Rumando a Ganchos, imaginava que uma coisa seria certa: lá eu encontraria o “boi”.

Emancipado do município de Biguaçu em 1963, em algum momento Governador Celso Ramos como um todo chegou a se chamar Ganchos, seu nome mais apropriado, posto que nativo. Governador Celso Ramos é uma península, onde as montanhas encontram o mar de forma brusca, e as casas se acomodam sobre elas suavemente, obedecendo à geografia do lugar, como em costas mediterrâneas. Os Ganchos são as enseadas, praias curtas e muito côncavas, cujas águas podem ser vistas repletas de pequenos barcos de pesca com suas grandes redes içadas. Entrando no município a partir da BR 101, passando pela localidade de Areias, chegando às curvas do morro, passa-se primeiramente por Canto dos Ganchos, seguindo chegamos a Ganchos do Meio, a sede, onde se localiza a praça central, a sede da prefeitura, a única agência bancária, a cooperativa de pesca e algumas lojas – como é na maioria nas cidades pequenas do estado. Seguindo, a ponta extrema é Ganchos de Fora, a localidade mais “ortodoxa” do município.

A mudança política do nome deixou a toponímia Ganchos para estas localidades intra distritais. Tal imposição parece ter implicado, ao longo do tempo, num reconhecimento distinto da região. Ora se denomina por Ganchos todo o município, ora seu conjunto de “Ganchos”, e eventualmente sua parte central – Ganchos do Meio.

Embora a Farra do Boi aconteça em diversas localidades do município de Governador Celso Ramos, e mesmo do litoral catarinense, **meu trabalho se detém ao evento que ocorre normalmente durante todas as noites da Semana Santa e durante o dia também na Sexta-Feira Santa e no Sábado de Aleluia, se estendendo até o amanhecer do Domingo de Páscoa em Ganchos do Meio**, o que eu poderia chamar de *Farra do Boi da Semana Santa em Ganchos do Meio*. A Farra acontece na rua, num trecho de aproximadamente 400 metros de extensão, cujo epicentro é a praça central.

Meu trabalho de campo se constituiu num total de três incursões, duas nas sextas-feiras santas de 2011 e 2012 e uma em toda a Semana Santa de 2013.

Desde a primeira vez em campo, a partir de tudo o que eu já havia lido, fui capaz de reconhecer então, estar diante de uma verdadeira Farra do Boi, com todos os seus elementos constitutivos e mais alguns. Entretanto, não esperava encontrar, ou melhor, não encontrar, o “ator principal” da referida “peça”. De fato, o que pude presenciar foi **uma Farra do Boi sem boi**.

Interessante notar que, ainda nos anos de 2009 e 2010 a imprensa registrou na Farra do Boi nos Ganchos a presença de animais. Não foi o que ocorreu em 2011, em minha primeira incursão, tampouco em 2012. Sendo assim, o que inicialmente entendi como um aspecto ruim para meu trabalho de campo, em seguida identifiquei como um

dato etnográfico – e mesmo histórico – extremamente relevante: **em mais de 200 anos de colonização açoriana (e de Farras do Boi), era a primeira vez que nenhum boi sequer foi solto no centro de Ganchos numa sexta-feira santa.**

Menezes Bastos, a propósito de sua etnografia, conclui – entre outras coisas – que “[...] curiosamente – o boi aparece quase como um pretexto, de um texto fundamentalmente épico e eufórico” (1990:26). Entretanto, apesar de “pretexto” e diferentemente do que pude presenciar, o boi comparece efetivamente ao rito descrito em sua etnografia. Considerando essa ausência fundamental do boi nas Farras presenciadas por mim, procuro em meu projeto colocar em questão a centralidade do boi no ritual em análise, a partir especialmente de duas perguntas:

1) Qual o repertório desse “texto fundamentalmente épico e eufórico” do qual o boi pode ser um mero pretexto?

2) Na “ausência” do boi, que outros elementos podem sinalizar esse “texto”?

As duas questões levantadas acima apontam para duas esferas diferentes da pesquisa – a primeira de ordem mais teórica, e a outra mais etnográfica. Entretanto as duas estão intimamente ligadas quando pensadas da seguinte forma: a permanência de aspectos simbólicos mais profundos da tauromaquia através dos rearranjos logísticos do ritual e de outras dinâmicas contextuais.

Minha “inserção” em campo foi de certa forma, intrusiva. Não recebi nenhuma espécie de convite e minha decisão por Ganchos se deu por eu saber de antemão – pela mídia, por ser nativa de Florianópolis – de alguma forma ali ser o tal “território livre da Farra”, ou seja, eu poderia chegar por conta própria.

2011

A primeira vez que fui pra Ganchos com objetivos etnográficos foi na Sexta-Feira Santa de 2011. Um dia lindo de sol, desembarquei do ônibus no ponto final em Ganchos de Fora às 9 da manhã. Estranhíssimo. Uma pacata vila de pescadores, um ar de manhã seguinte da festa. Muitos olhares me encarando. Algumas pessoas circulavam de moto. Fui caminhando em direção a Ganchos do meio onde encontrei o que seria o meu local privilegiado, o epicentro da Farra do Boi nos Ganchos – o bar central. Lá já havia algumas pessoas bebendo e falando de boi. Sentei em uma mesa e pedi o mesmo que todo mundo: sardinha frita e cerveja. Verdadeiro delírio! Acompanhava limão galego e farinha. Observei a circulação do pessoal com as motos, muito barulhentas por sinal.

Indo até o banheiro do bar, fui surpreendida por uma enorme cabeça empalhada de boi na parede.

Pelas ruas vi faixas onde diziam algo sobre a Farra do Boi ser tradição, proibindo “som automotivo” e “moto depenada”. Naquele momento fiquei tentando entender do que se tratava isso, a ponto do

uso das faixas. Em Ganchos do Meio as faixas eram mais “profissionais” e em Ganchos de Fora eram mais improvisadas, e mais amedrontadoras também.

Ainda sim, durante o dia, percebi uma grande circulação de motos muito barulhentas e carros com som muito alto, e conforme a noite foi chegando, a quantidade desses dois foi aumentando.

As pessoas nas motos faziam algumas acrobacias, empinavam, freavam em cima das outras pessoas [amigos] em forma de brincadeira. Não raro ficavam dois e até três pessoas em cima das motos, empinando. Tudo isso fazendo muito barulho, num trecho de rua de aproximadamente 400 metros, onde o epicentro era o bar.

No decorrer do dia fui percebendo que as tais motos “depenadas” eram motos com o escapamento adulterado, ou descarga livre – sem o silenciador de motor. E o som automotivo é não apenas uma aparelhagem de som comum nos veículos, mas uma instalação especial de potência altíssima, com alto-falantes que chegam a ocupar, em muitos casos, todo o porta malas de um carro. Interessante notar também que o uso de automóveis equipados com som automotivo tem se tornado uma prática recorrente em diversas praias do litoral catarinense.

E a Farra foi esta, muita gente bebendo, muitas motos depenadas, som automotivo, as pessoas em volta ou no bar, bebendo sempre. Todos falando e esperando pelo boi. De fato, alguma informação sobre uma possível soltada de boi ninguém tinha, mas todos estavam na expectativa de que, em algum momento ele fosse

aparecer. Carros de transporte de animais eventualmente passaram, aumentando ainda mais a expectativa. A noite foi chegando, mais pessoas foram se unindo à festa. E esta foi a primeira Farra do Boi em que participei. Também a primeira **Farra do Boi sem boi** de que tive notícia.

2012

Já em 2012 a primeira coisa que me chamou a atenção foi a ausência das faixas, e um número maior de motos e carros desde o início da festa. Como no ano anterior, motos, carros, som alto, muita bebida, o clima, e nada do boi...

A polícia chegou a passar com viaturas e de helicóptero, algumas vezes, mas o alvo de sua observação era sempre se avia a presença de um boi [físico]. Aparentemente as possíveis infrações de trânsito não eram relevantes para eles.

Os farristas, de certa forma, zombavam da presença da polícia. Pude observar alguns carros com reboque para animais vazios passando, para despistar a polícia, e até mesmo um carro com uma pele inteira de um boi malhado por cima.. Além disso, quando a polícia passava de helicóptero, os presentes acenavam.

Desta vez observei melhor as localidades das placas dos carros: Florianópolis, Biguaçu, São José, Forquilha, Antônio Carlos, Itajaí, todos municípios do litoral catarinense... Já as motos que observei curiosamente eram de Governador Celso Ramos.

De fato o que ocorre nas Sextas-Feiras Santas é a entrada

massiva de moradores do litoral catarinense que vão assistir a Farra do Boi nos Ganchos. Parece que eles vão atrás de uma Farra do Boi que, em seus lugares de origem, já não se existe mais: a Farra do Boi na rua, na praça, durante o dia e a noite. Uma Farra como se não houvesse proibição. A Farra que acontece no restante do litoral é a Farra velada, na calada da noite; num mangueirão, numa localidade afastada; uma Farra que já se sabe rápida, pois logo a polícia vai ser acionada, o boi localizado e morto a tiros pela polícia.

Considerando que existem outras Farras que ocorrem durante todo o ano em todo o município de Governador Celso Ramos, a Farra do Boi de Ganchos do Meio, a da Semana Santa, é **como se fosse** uma Farra para os “de fora”. Note-se que este “de fora” não tão de fora assim, considerando que também são moradores do litoral catarinense, com a mesma perspectiva, digamos assim, taurocêntrica. Dando-me conta disso, percebi que, o que num primeiro momento eu compreendia como os “nativos”, os “Farristas”, não era na verdade algo coeso, ainda que analiticamente. De fato, além dessa divisão inicial e maior entre os dali e os de fora, haveria outras internas que eu perceberia só depois.

Sobre isso, parece que os gancheiros entendem que essa entrada de pessoas “de fora” para ver e participar da Farra do Boi local é a causa da atenção negativa que o município passou a sofrer. Não longe disso, que o som automotivo também foi trazido pelos de fora. Isso vai ao encontro do que constatei em 2011 e que depois me foi confirmado, que os gancheiros tentaram proibir o som automotivo com

a intenção de desviar a atenção da polícia. Para isso utilizaram faixas proibitivas ao som automotivo, às motos depenadas, e ressaltando a Farra do Boi enquanto tradição local: *“Moto com descarga aberta e som automotivo não fazem parte da nossa tradição”*.

Como não obtiveram resultado, não mantiveram a proibição. A ação da polícia – como pude observar em toda a pesquisa – não parece ter a ver com a presença desses elementos na Farra.

2013

Em 2013 fiquei em Ganchos por toda a Semana Santa. Em todos os dias, do fim de tarde até a madrugada, fiquei em Ganchos do Meio, e o desenvolver da festa foi praticamente o mesmo.

Sábado de aleluia, depois de um dia tranquilo, cheguei nos Ganchos do Meio à meia noite, estava atrasada, considerando meus objetivos etnográficos, mas estava tão cansada que acabei dormindo demais. Na minha caminhada de dois quilômetros, do hotel ao centro de Ganchos, pude perceber que o som ia ficando cada vez mais forte, e observar também a movimentação da estrada, de carros indo no sentido da festa e motos muito barulhentas indo e vindo. Um deles parou me perguntando se eu sabia da festa, se ia ter boi. Eu disse que sim, e que estava indo pra lá, e eles me ofereceram carona. O carro estava cheio de homens, acho que quatro ou cinco, todos com idade entre 25 e 40 anos, presumo. Vinham de Balneário Camboriú. No carro

o som já dava o clima da festa, com sertanejo universitário. Chegamos lá e o movimento era grande. Fiquei junto deles por um tempo, bebendo e indo atrás dos indícios de chegada do boi. Carros preenchiam toda a extensão da rua, muitos com som automotivo e muitas motos. Muitas mesmo. O som era louco de se ouvir. Músicas se misturavam, num volume absurdamente alto, entrecortadas a todo o momento pelos roncos das motos “depenadas”.

Tudo isso frente à imensidão do mar, que com a falta de lua se tornara uma grande planície escura, e o calçadão à sua frente se assemelhava a um abismo.

As pessoas mais jovens se agrupavam em torno dos carros, ou estavam nas motos aos pares e trios, fazendo manobras. Os mais velhos ficavam concentrados nas calçadas, observando o movimento, vis de regra criticando o comportamento dos mais jovens. Estes optavam, na maioria, pela cerveja, já os mais velhos pela cachaça, especialmente com maracujá. No bar central todos os públicos. Chegando lá encontrei um “admirador” de outras Farras, com aproximadamente 60 anos, vindo também de Florianópolis. Ele estava junto com um amigo gancheiro, que logo travou uma longa conversa comigo, mostrando ser outro admirador. Este tinha 43 anos. Convidou-me para almoçar no dia seguinte, “... *já que é Páscoa e você vai estar sozinha aqui nos Ganchos...*”. Na sequência chegou outro, mais velho. Não demorou muito e já estava até me pedindo em casamento, para isso me apresentando um todo um rol de dotes, para compensar o fato de ele ter idade para ser meu avô.

Até que chegou uma camioneta buzinando, com pessoas correndo em volta. Já começou a gritaria: “- *É o boi, é o boi!*”. Momento de suspense: desta vez será um boi mesmo? Era! A porta se abriu e um boi cinza enorme com chifres enormes pulou lá de dentro correndo praça acima. Não tive dúvidas, saí correndo atrás. O admirador quarentão foi atrás, mas logo se perdeu de mim. Logo me vi em meio à turba correndo atrás do boi. Tentei filmar com o celular, ao que logo fui chamada por alguém: “- *Filmar não pode!*”. Segui atrás do boi, que foi parar na água. A multidão correu pra beira do mar e eu fui junto.

Posso dizer, com essa experiência, que não se trata de um simples correr com/do boi. Acontece algum tipo de “empatia coletiva”, do tipo “nós”, humanos e “ele”, o Boi. De algum modo, na anonimidade em meio à multidão, eu também era “eles”, “*versus*” o “ele” – o Boi.

Alguns entraram na água, outros pegaram pequenos barcos para tentar alcançar o boi. Nesse ínterim, alguns homens se aproximaram de mim, a fim de me conhecer “O que uma moça bonita faz aqui atrás do boi?”. Nessa história acabei conhecendo um homem, num momento em que dois se aproximaram ao mesmo tempo. Acabou acontecendo algo meio “mundo animal”. Por alguma razão um deles recuou, como se reconhecesse que o outro iria “ganhar” aquele “duelo”. Este homem que permaneceu, puxou conversa e passamos a andar juntos, enquanto esperávamos a volta do boi. Este foi retirado da água e voltou a correr em direção à praça, e eu e meu novo colega corremos atrás dele. Na verdade eu corria atrás do boi e ele atrás de mim, mas a correria desta vez foi curta – nosso boi logo voltou pra

água. E desta vez ninguém conseguiu tirá-lo de lá.

As pessoas foram debandando aos poucos, voltando pra festa geral, enquanto outros ficaram na vigília do boi.

Já devia ser umas 04h30min da madrugada. Neste momento me demiti brevemente da função de antropóloga, voltando somente quando o sol já nascia. Caminhava de Ganchos de Fora à Ganchos do Meio, quando para minha surpresa encontrei na beira da água, no canto da praia o Boi da Farra, amarrado numa corda descansando.

Junto dele havia um grupo de rapazes bem jovens, deviam ter entre 16 e 18 anos. Um deles, demonstrando mais coragem, brincava com o boi, provocando-o com uma camiseta.

Eu me aproximei do grupo na tentativa de me retomar o trabalho de campo. Imaginei estar diante de uma situação ótima. Até pouco tempo antes não seria capaz de imaginar reencontrar o boi da Farra. Logo que cheguei fui questionada da minha presença. Num primeiro momento fiquei receosa. Disse simplesmente que fui para ver o Boi. Eles me receberam bem, mas um deles, desde o início ficou dando em cima de mim, me pedindo um beijo. Disse que não ia ficar com ele, mas resolvi ficar ali.

Passado um tempo, este começou a cochichar com outros, até que vieram até mim e disseram-me que eu era P2⁸ [policia disfarçada].

8 Também conhecido como Serviço Reservado ou Velado, os policiais da P2 têm basicamente duas funções. Uma é levantar em campo informações para que o comando planeje ações policiais, como a prisão de criminosos, apreensão de drogas ou desocupação de uma área. Dessa forma, policiais à paisana sempre vão antes ao local para colher dados. A partir do relatório da P2, o comando planeja quantos policiais participarão da operação, qual o

Por um momento pensei que pudesse ser brincadeira, depois que não era, mas eu poderia esclarecer a situação rapidamente, mas não foi o que aconteceu.

Eu tentei explicar que era estudante de antropologia, estava pesquisando a Farra do Boi e tudo mais, mas eles se mantiveram desconfiados, se tornando cada vez mais ofensivos. Cada argumento que eu tentava dar a meu favor, eles distorciam-no dizendo que era só mais um disfarce de P2, especialmente o jovem que estava interessado em mim. Este era o mais ofensivo. Conforme o tempo ia passando e a manhã se abrindo, alguns moradores dali foram saindo às ruas. A cada pessoa que passava, eles diziam: “- *Olha só, ela é P2*”, ao que as pessoas não pareciam dar muita importância, na verdade.

Aí então eles pediram pra ver meu celular. Pegaram da minha mão e foram vendo as diversas fotos que eu havia feito. A princípio eu achei que eles estivessem apagando as fotos, mas só depois fui perceber que eles pegaram meu cartão de memória.

Nesse ponto a pressão era altíssima, a ponto de a minha cabeça parecer estar prestes a explodir [e agora, ao escrever, sinto tudo isso novamente], e eu tentando me controlar pra não chorar, ali na frente deles. Somente um deles, um mais jovem, passou a me apoiar. Disse-me, “- *Eu sei que tu não é P2. Eles também. Eles só querem zoar contigo*”.

melhor horário para empreendê-la, quais equipamentos serão utilizados, entre outras decisões que farão com que a ocorrência seja executada com o mínimo de imprevistos. [in <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=891809>, consultado em 04/11/2014]

Até que chegou outro rapaz de moto, uma moto depenada, fazendo muito barulho. Ele parecia mais velho que os outros, chegou empinando a moto e freou bem em cima de mim, logo dizendo “- *Essa daí que é a P2?*” “- *Sobe aí, vamos dar uma volta*”. Nessa hora foi quando eu realmente senti medo pela minha integridade física, ainda mais vendo que as poucas pessoas que estavam de fora, pessoas mais velhas inclusive, não pareciam estar se importando com aquilo. Eu continuei tentando explicar que estudava antropologia. Ele perguntou o que era isso, e o que eu pude dizer foi que a antropologia estuda as culturas. Foi então que ele disse algo interessantíssimo – ainda que de forma sarcástica – digno de destaque:

“- Se tu estuda a cultura, porque tu não estuda a cultura da moto?”

Neste momento eu até consegui rir. E respondi: “- *É exatamente isso que eu estou fazendo. Inclusive vou escrever isso que tu acabou de falar no meu trabalho, e quando eu terminar, vou trazer aqui pra tu ver*”.

Nessa hora, ainda em posse do meu celular, me fizeram tirar uma foto com boi, dizendo “- *Já que ela é P2 ela pode tirar uma foto com o boi...*” Confesso que, nessa hora, apesar de toda a tensão e stress, e também receio de o boi me pegar, eu consegui me ver de fora e achar a situação até engraçada, pensando em quanto eu “corri atrás” de um boi, de uma Farra, e agora lá estava eu, posando para uma foto ao lado dele, do boi que eu corri junto. Acabou com isso que, na foto, minha expressão é algo indefinível, ainda mais considerando o

contexto.

Aí devolveram meu celular, o rapaz que estava “me apoiando” me disse: “- *Acho melhor tu ir embora. Eu te levo até ali*”. E foi comigo até logo adiante, sob as falas dos outros “- *Isso! Leva a tua namoradinha P2...*” Eu agradeci ao rapaz e segui andando de volta ao hotel, há dois quilômetros dali.

Tudo o que eu queria era desabar ali mesmo, no asfalto, e chorar desesperadamente, mas tive que me controlar, pois em todo o caminho até lá havia pessoas na rua. Eu segurei o choro por tanto tempo que quando cheguei ao hotel nem consegui mais chorar. E foi só lá que dei falta do meu cartão de memória do celular.

A princípio eu retornaria à Florianópolis na manhã de segunda-feira, mas depois daquilo tudo, resolvi voltar naquele domingo mesmo.

Estive por toda uma semana em Ganchos. No entanto foi só na manhã do Domingo de Páscoa é que tive minha “identidade” questionada.

Entendo que isso se deve ao fato de, como já dito anteriormente, a Farra do Boi em Ganchos, a Farra da Semana Santa, ser uma Farra pros “de fora”, ou que admite “outros”, mas que não são tão “outros” assim. São pessoas também socializadas na Farra do Boi, são nativos do litoral do estado.

A questão é que esta festa, “aberta”, só vai até a madrugada do Sábado de Aleluia pro Domingo de Páscoa. Sendo assim, minha presença lá por toda a semana fazia sentido, como uma “de fora”.

Permanecendo ainda lá no Domingo de Páscoa, já não fazia mais. Eu não fazia sentido ali, restando àqueles “caras” me identificarem como P2.

Sobre a iminência da morte

Visitei Ganchos por três anos seguidos. Nos dois primeiros fui somente na Sexta-Feira Santa, e no último passei toda a semana lá, desde a segunda-feira até o Domingo de Páscoa. Mas foi só no último ano que pude perceber que as movimentações referentes à Farra começam a partir da terça-feira. Refiro-me ao que já se pode chamar de Farra do Boi propriamente dita – os encontros entre as pessoas, a circulação de motos, o som alto saindo dos carros, as libações alcoólicas. Tudo começa já na terça-feira, mas de modo mais leve e lento. E tudo vai se engrandecendo no decorrer da semana. Mas de fato, pode-se dizer que a *Farra do Boi da Semana Santa em Ganchos do Meio* dura da terça-feira ao Domingo de Páscoa.

Em todas as noites, as pessoas – em sua maioria homens – se reuniam em torno de carros estacionados na extensão da rua com os porta-malas abertos com som automotivo, e também no bar central, sempre bebendo, especialmente cerveja. Alguns traziam nos carros caixas térmicas com as bebidas. Ambulantes vendiam também, e os estabelecimentos comerciais, especialmente de gêneros alimentícios e bebidas, ficaram abertos enquanto durou a festa.

Muitos chegavam de moto, quase sempre “depenada”, e transitavam com ela nesse trecho de rua, realizando acrobacias. Seus condutores, geralmente acompanhados por mais uma ou até duas pessoas – homens ou mulheres – realizavam manobras ousadas com as motocicletas. Tudo isso somado ao “som automotivo” – outro

imperativo da farra do boi contemporânea em Ganchos. Todo o trecho central da rua principal era tomado por esses carros, com volume bastante forte, reproduzindo certo repertório musical do momento, composto basicamente do que se reconhece como sertanejo universitário e funk. Os diversos carros, com seu som em volume máximo, em certos momentos ou locais chega a formar uma espécie de massa sonora disforme e confusa, na qual é até difícil se distinguir elementos básicos da música, como o ritmo. Posso dizer até que, em certo momento, senti uma tontura muito grande por conta do som.

É num trecho de rua, de aproximadamente 400 metros, que as motos circulavam, faziam manobras e muito barulho, enquanto as demais pessoas se posicionavam ao lado dos carros com som alto, em torno de mesas e bebendo sempre.

Interessante também que muitas das motos eram conduzidas por mulheres, muitas vezes acompanhadas por uma ou duas outras. Os condutores das motos – homens ou mulheres – sempre eram os jovens. Em linhas gerais, aparentemente os homens pareciam se exibir para outros homens e para as mulheres; e as mulheres para os homens, como que sinalizando seu domínio e controle sobre a motocicleta.

Pude constatar algo que é realmente digno de surpresa: em meio a tantas motos circulando em um espaço tão pequeno [uma rua] e nessas condições, não observei nenhuma espécie de acidente, por menor que fosse.

Importante notar que essas “novidades” na Farra não estão desvinculadas de um de seus aspectos mais fundamentais, descrito por Menezes Bastos em seu “esquema etnográfico”:

[...]. Liberados os potenciais farristas da rotina do trabalho, dedicam-se eles a **grandes libações alcoólicas comunitárias**. Note-se aqui que a resistência a grandes quantidades de bebida, sem embriaguez imediata, parece constituir-se num valor de coragem e bravura – quanto mais beba um homem e, simultaneamente, quanto mais ele pareça não distanciar-se do autocontrole, mais ele será valorizado, epicamente. [...] (Menezes Bastos in LACERDA, 1990:42-43) [grifo meu]

[...] o que a bebida deve agora propiciar é a aquisição de um *ethos* animado, quer dizer, eufórico e empático, e ao mesmo tempo largamente associativo – o bebedor deve ser um camarada membro da turma. [...] Muito embora as libações e comentários se centralizem nos homens, deve ser reportado que não parece haver aqui restrições à presença e, mesmo, participação de crianças e mulheres nesses encontros. (op. cit.)

Tudo se passava como se todos estivessem esperando o boi. As conversas giravam sempre em torno do boi: se iriam soltar, de onde viria, sobre a polícia, as possíveis barreiras da polícia, etc. E embora o boi não estivesse presente fisicamente nas primeiras Farras que presenciei, ele estava lá – em suspensão, na tensão de sua possível chegada. Como disse meu principal interlocutor “– Ah, o boi é detalhe, cara”, na epígrafe deste trabalho.

Ainda que, em minha última ida a campo, na última noite, pude assistir a uma soltada de boi no Centro de Ganchos, posso dizer que, em síntese, a festa era a mesma dos anos anteriores sem boi, naquela mesma semana sem boi, e naquele mesmo dia, antes do boi. A festa da Farra do Boi é a própria Farra do Boi, seja ela com boi ou sem.

Friso mais uma vez estar falando da Festa da Farra do Boi nos Ganchos, na semana Santa. Outras Farras acontecem, de várias maneiras, ali mesmo ou em outros lugares, e talvez nelas uma farra do Boi “sem boi” seja algo impensável.

A questão fundamental neste caso é uma aparente “substituição” do boi pela moto. Não em termos metafísicos, mas em matéria e substância mesmo.

Uma substituição ritual só pode ocorrer se os elementos em questão se relacionam de algum modo, se estabelecem algum continuum. Pouparei o leitor das analogias secundárias, tentando focar nas mais importantes. De fato, boi e moto tem algum porte físico semelhante, o guidão em relação aos chifres, oferecem algum tipo de risco, especialmente em se tratando das manobras.

Esse risco – a iminência da morte – é um dos aspectos essenciais da Farra do Boi enquanto tauromaquia. Risco também presente na forma como são conduzidas as motos nas Farras de Ganchos. Um tipo de condução ofensiva, exagerada, exuberante,

violenta, mas com a importante demonstração de autocontrole, como se dá com os bois.

Ainda mais; ambos – boi e moto – se relacionam com a passagem do jovem ao adulto em Ganchos. O contato próximo, a participação, em ambos, só ocorre, só é permitido ao homem considerado adulto.

Apesar destas considerações, entendo que esta substituição se dá apenas num plano superficial. De fato, o boi simbólico, o elemento taurocêntrico é insubstituível. Prova disso é a forma como tudo gira em torno do boi, ainda que em sua forma de suspense.

Sobre tornar-se adulto em Ganchos

Na Farra do Boi existe, ou ao menos existia, uma espécie de socialização no boi. Desde muito pequenas, as crianças, especialmente os meninos, brincavam de Farra do Boi. Note-se que aqui, quando eu falo “brincavam”, refiro-me ao “fazer de conta”, brincar de fazer a Farra.

Elas reproduziam todos os passos de uma Farra do Boi completa. Primeiro pegavam galhos de árvore para fazer de chifres do boi. Algumas crianças eram os bois, enquanto as outras eram os farristas, fazendo a escolha do boi mais bravo. “Compravam” o boi e soltavam. Eles espremiavam limões e bebiam, para fazer de cachaça, e corriam atrás do boi. Eventualmente levavam chifradas dos galhos. Quando já um pouco maiores, os adultos lhes davam um bezerro ou cabra para farrear.

Quando adolescentes, começam a se arriscar nas Farras “dos adultos”, mas ainda eram vistos como novatos, motivo, às vezes, de chacota.

Nesse sentido, tornar-se adulto é tornar-se apto a participar de uma Farra do Boi “de verdade”, e isso acontece quando o jovem é capaz de entrar com uma parte na compra de um boi para a Farra. Quando um homem pode pagar um boi para a Farra [ao menos nos moldes antigos] era visto como um homem adulto.

Em termos logísticos, muita coisa mudou na Farra do Boi com o passar do tempo. A mais notável delas refere-se à compra do boi. “Antigamente” [como se diz] a carne era algo extraordinário entre as

populações de pescadores do litoral. Então a Farra do Boi era o momento de se comprar um, boi, brincar com ele, e no momento ritual certo, sacrificá-lo, e distribuir sua carne entre as pessoas que entraram com parte dele e também fazer um churrasco comunal. Outras coisas ocorriam, como a distribuição para um ou outro membro mais carente da comunidade, à senhoras viúvas, etc.

Com a “banalização” da carne – uma maior disponibilidade e acessibilidade ao consumo de carne vermelha e a perda de seu caráter extraordinário – com a repressão e fiscalização dos animais e demais questões relativas à criminalização, ficou mais viável aos farristas “alugar” bois. Ou seja, são escolhidos bois, desta vez mais de um, brinca-se com um até ele cansar e troca-se por outro, depois os devolvendo ao proprietário. Com o tempo, se acirrando a fiscalização contra a Farra do Boi, a prática do aluguel continuou, até onde sei, mas agora trazendo apenas um animal, devido a toda a dificuldade e a fiscalização da polícia nas barreiras.

Esta mudança abre uma fenda simbólica significativa já de partida: suprimiu-se o sacrifício. Apesar de tão significativa mudança, é difícil prever algo sobre suas possíveis consequências, me restando somente constatá-la. No entanto posso dizer que, aparentemente, na Farra do Boi, diferentemente de outras tauromaquias, o sacrifício ritual não seja um aspecto central. Reitero sempre estar tratando de **uma das** Farras do Boi de Governador Celso Ramos, a Farra da Semana Santa de Ganchos do Meio.

Meu principal interlocutor reconhece que as motos hoje fazem aí uma espécie de substituição. Torna-se adulto o jovem que tem sua própria moto. E aí o tornar-se adulto coincide com o tornar-se adulto comprando um boi, algo que se faz entre os 15 e 16 anos. É comum o jovem que compra uma moto com seus próprios recursos, obtidos através do trabalho, assim como antes, quando comprava ou entrava com parte na compra de um boi.

Isso também tem ligação com uma mudança na divisão social do trabalho, especialmente em Ganchos, onde antes havia muito mais pescadores. Hoje a maior parte dos homens trabalha na indústria ou comércio e serviços dos municípios da Grande Florianópolis. Poucos ainda têm a pesca como principal atividade. “Antes, quando os pescadores voltavam pra pesca na Semana Santa, voltavam com dinheiro, especialmente o mestre de barco, pagava um boi inteiro. Hoje é muito mais difícil, até para entrar com uma parte no boi” [I.M., Ganchos do Meio, 2013].

Num outro sentido até mais geral, tornar-se adulto em nossa sociedade, refere-se a ter sua primeira experiência sexual. A Farra do Boi, ritual dionisíaco por excelência, se torna, para muitos jovens Gancheiros, o momento de sua iniciação sexual. Pelo que pude ouvir, a primeira experiência sexual de um gancheiro acontece muitas vezes em meio às correrias da Farra, em meio à algazarra e excitação iminente; ao *ethos* de risco e suspense. É a própria eminência do amor, que se estende para além da primeira experiência, para a segunda, a terceira...

Quando houver uma Farra do Boi, haverá também a excitação e a possibilidade iminente de se relacionar sexualmente.

O risco de morte e de “amor” é iminente da Farra do Boi, mas mais que a questão empírica, do fazer sexual propriamente dito, quero ressaltar o lado da eminência do amor, de seu caráter proeminente, elevado. O quanto se está sob o jugo do domínio do erotismo quando se participa de uma Farra do Boi.

Sobre a *eminência do amor*

Toda a questão do risco, do suspense, do *ethos*, das correrias, das acrobacias e da demonstração pública de autocontrole e bravura, diante de um boi, ou sobre uma motocicleta remete, de alguma forma, ao viés erótico da Farra do Boi, o que eu chamo de *eminência do amor*.

Todo o ritual da Farra do Boi, desde seus preparativos, a libação alcoólica, a escolha do boi, a soltada, as correrias, e contemporaneamente a presença das motos e do som automotivos, e mais um conjunto próprio de princípios abstratos, é entremeado por esse viés – uma espécie de tensão constante, de suspensão, de proibição que, somados ao envolvimento entre as pessoas – que fala sobre o elemento erótico, que chamo aqui de “amor”. Este amor de que falo é o amor dionísíaco, o amor carnal, as trocas entre as pessoas, submetidas aqui ao mesmo sistema que opera empiricamente, como num jogo. Todos sabem do que se trata, e, entrando pra jogar, todos estão à sua mercê, inclusive eu, independente de me apresentar como pesquisadora.

Sobre isso, disse-me meu principal interlocutor: “O que você acha que acontece quando os caras vão buscar o boi?”

Em todo o tempo, em todas as minhas idas a campo, existiu este *ethos* de “*eminência do amor*”, de erotismo. É uma espécie de constante clima de flerte sexual. Por mais que o flerte não se efetuassem, a impressão e a sensação que se tem na Farra do Boi é uma espécie de “clima propício” ao amor carnal. Talvez se trate do suspense – mesmo

físico – da possibilidade da chegada do boi, onde se sente o frio no estômago, que por vezes se confunde com o suspense da chegada do boi, ou dos riscos das manobras. “A experiência erótica ligada ao real é uma espera do aleatório, é a espera de um ser dado e das circunstâncias favoráveis” [Bataille, 1987: 22]

Como já dito, na Farra do Boi a libação alcoólica é imprescindível. Temos junto a isso o fato de homens e mulheres estarem de alguma forma juntos se expondo aos mesmos riscos das correrias e das motocicletas. O que pude sentir na carne em todo o momento foi a presença de Dionísio.

Amor e morte: unindo-se materialmente ao mundo

Esta relação de risco do amor e da morte, “cruzamento de violências fundamentais” [Bataille, 1987: 23], que encontrei na Farra do Boi em Ganchos do Meio me leva a estabelecer um vínculo direto com o trabalho de Michel Leiris, *Espelho da Tauromaquia*, onde ele analisa as *toradas* espanholas, trazendo sentimentos como amor e risco, que passam também pelo esporte e pela arte, como seus elementos principais. Descreve-as como um esporte acrescido de uma arte, em que o trágico é empolgante, onde “habilidade e coragem” representam o risco para a vida do *torero*, que, invertendo-se, culmina com o sacrificio do touro – “herói semideus bestial”. Na arte, compreendendo a beleza enquanto mistura do reto e do sinistro, Leiris aponta o jogo violento de contrastes, deslocamentos e inversões da *torada* – um “ilusionismo nobre”.

Tal comparação, entre a Farra do Boi e as touradas espanholas – que me atrevo a fazer, posto que o próprio Leiris não faria, destacando o caráter sacrificial [das *toradas*], algo que não tratarei nesta pesquisa – me faz estender essa essência para as demais tauromaquias. Ainda que só as suas respectivas etnografias fossem capazes de dar conta de tal afirmação audaciosa, a meu ver, amor e morte, sua eminência e iminência, são sentimentos comuns e essenciais do ser humano e que tem nas tauromaquias espelhos – para usar a expressão de Leiris, “[...] que esclarecem partes obscuras de nós mesmos” – “espelhos que guardam a imagem mesma de nossa

emoção”. (LEIRIS, 2001:15)

Assim como, na tauromaquia, o prestígio do passe vem dessa tangência, a esse quase contato do homem com o perigo exterior condensado nos chifres, o amplexo amoroso deriva seu valor desconcertante do fato de ser o meio pelo qual, ao menos por um curto lapso de tempo, um sujeito pensante pode julgar-se unido materialmente ao mundo, resumido num único ser vivo. Se na tauromaquia, esse mesmo mundo representa um perigo imediato – donde a impossibilidade, sob pena de morte, de uma fusão completa –, encontramos no amor impossibilidade semelhante; pois a comunhão total de dois seres só poderia efetuar-se com a morte, se um e outro se aniquilassem no instante preciso do paroxismo, antes que tivesse tempo de se soltar, de descer lentamente a ladeira na qual se converterá a escarpa tão prodigiosamente abrupta que ambos, há um instante, haviam galgado. Essa incapacidade de comunhão, exceto numa fusão fatal, equivale à presença de uma falha, de uma margem entre a curva que levaria ao ponto de tangência ideal e a curva ligeiramente desviada que percorrem os amantes humanos. Ela manifesta uma primeira forma de rachadura, suficiente por si só para que, da plenitude do amor, passemos à dilaceração, reconhecendo nossa deficiência uma vez que, aplacados, seguiremos vivos e não há nada mais a fazer senão contemplar o objeto amado como um objeto, passada a identidade ofuscante. (LEIRIS, 2001:48-50)

De volta às questões iniciais:

1) Qual o repertório desse “texto fundamentalmente épico e eufórico” do qual o boi pode ser um mero pretexto?

2) Na “ausência” do boi, que outros elementos podem sinalizar esse “texto”?

Seriam as motos um possível novo suporte para as manobras, “acrobacias” e desvios que antes envolviam os bois? Somadas aí as libações alcoólicas, o risco, o flerte, a exibição, poderiam se conjugar nessa anistia da qual fala Menezes Bastos, sendo o outro no caso, a máquina, não o animal?

Entendo que estas perguntas apontam para aspectos da Farra contemporânea, a partir da minha experiência de campo, e de certa forma das Farras descritas nas pesquisas anteriores. Lacerda já observou essa reunião e a tensão desses elementos simbólicos:

A Farra coloca em foco um vocabulário de temas e emoções como a morte e a violência, o desejo e o medo, a invulnerabilidade e a sua demissão, o risco e a excitação. Os farristas vão à Farra para ver o que acontece com eles mesmos [...] (LACERDA, 2003:25)

Entendo que estes elementos simbólicos, colocados em ação na Farra do Boi, remetem em última instância a aspectos mais sombrios do humano – algo que se encontra tanto na eminência do amor quanto na iminência da morte. A questão é que, colocados juntos, eminência do amor e iminência da morte apontam para algo anterior e interior, comum ao homem e ao animal, logo ao mundo. Seria o **desejo** e o **nojo** – polos fluidos contidos nestes sentimentos humanos mais profundos?

Diferentemente dos opositores da Farra, esta tem uma visão de mundo que compreende “natureza” e “cultura” de modo próprio, que fala de outras coisas a partir dela. O ritual da Farra do boi – tanto o mais ancestral até o mais contemporâneo – pode ser pensado como reconciliação extraordinária entre esses universos anistiados no cotidiano, como sugerem Menezes Bastos e Leiris. Ritual ébrio e anorético, de *ethos* animado e eufórico, anárquico por excelência, aonde “os homens vão para ver o que acontece com eles”. Ou ainda como disse Bataille:

O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. Digo: a dissolução dessas formas de vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos. [...] Trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que este mundo é suscetível. [1987: 18]

A Farra do Boi – mais que isso, a tauromaquia – é um tipo de acontecimento ritual que põe em diálogo coisas de diferentes ordens, a princípio irreconciliáveis, que se reencontram somente desta forma. Como bem sintetiza Menezes Bastos,

[...] o ritual da Farra do Boi [...] [é] um discurso limite sobre a humanidade, a naturidade e a divindade, discurso este que propõe a generosa anistia da separação (pecado) original destes três reinos, livrando-os do exílio mútuo. [Menezes Bastos, 1993: 10]

A meu ver aqui a divindade se trata, entre outras coisas, de

algo que supera a dualidade Homem/Natureza, como algo que os une. Colocando homens e boi num mesmo jogo – a tauromaquia – onde morte e sexo também se encontram [não por acaso, aspectos também pertencentes à vida do boi] esses reinos, anistiados por “nós” [o Homem] podem se por em diálogo, tornando possível, de forma “catártica”, uma espécie de entendimento vívido de nossa própria condição.

Menezes Bastos observou sabiamente que

[...] no universo ilhéu⁹ o encantamento do mundo não se quebrou, o Boi constituindo-se exatamente numa das soldas mais importantes de sua delicada liga. [Menezes Bastos, 1997:89]

Desta forma o boi, enquanto símbolo se abre. O taurocentrismo, verdadeiro universo simbólico monolítico, se abre a uma possível substituição de seu elemento, então principal. Mas ainda que “substituído”, ele permanece.

A moto, retirada de sua função ordinária, na Farra do Boi de Ganchos, **é o próprio boi**. Aliás, um verdadeiro festival de bois, correndo pra cima e para baixo, avançando nas pessoas, demonstrando sua bravura e seu domínio.

A Farra do Boi contemporânea de Ganchos do Meio anistia, assim como eu imagino todas as tauromaquias, diferentes universos do humano domesticados pela nossa porção apolínea. Na verdade mais

9 Repare que aqui o “ilhéu” deve ser entendido como “morador do litoral catarinense”.

que isso, anistia partes sensíveis e simbólicas de nós mesmo, **dentro** de nós mesmos. É o que chamo aqui de eminência do amor e iminência da morte, linha fina entre sentir-se extremamente humano – mortal e passível de desejo carnal incontrolável – e pertencer a um universo simbólico extremamente rico e refinado, e não bastasse isso, de ancestralidade remotíssima.

Por isso de sua oposição, haja visto que tal “anistia”, tal sensação de desprender-se tanto do mundo à ponto de sentir-se a ele unido é possível somente àqueles que participam da Farra, aos que se deixam levar por ela, com ela.

“A euforia do outro pode ser – quase sempre será – a disforia nossa.” (MENEZES BASTOS, 1993:14)

REFERÊNCIAS

AIDAR, Ana Ribeiro. **Mundo Cão**: uma etnografia dos sistemas de cuidados com os cachorros de Florianópolis. 2004. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BAHIA, Carolina Medeiros. **Colisão de direitos fundamentais ambientais e a regra da proporcionalidade**: um estudo sobre o conflito entre a liberdade de ação cultural e a proteção da fauna contra atos cruéis na farra do boi. Florianópolis, 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. Documento digital não disponível.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1987. 255p. ISBN 8525401730: (Broch.).

_____. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1970.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **A barbárie e os antropólogos**. Boletim Apufsc. Florianópolis, p. 4-4. 21 maio 2007. Disponível em: <<http://antigo.apufsc.org.br/media/publicacoes/boletim594.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Luzes e sombras no dia social**: o símbolo ritual em Victor Turner. Horiz. antropol. [online]. 2012, vol.18, n.37, pp. 103-131. ISSN 0104-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000100005>.

CHAVES, Iara Maria. **'Ecologia, ética e política: a análise da conduta ética e política do movimento ecológico a propósito da farra do boi'**. 1992. 257f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. 319 p

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed Porto Alegre: ARTMED, 2006. 432p. ISBN 9788536306636

FARRA do Boi: o documentário. Direção de Zeca Pires e Norberto Depizzolatti. Roteiro: Zeca Pires e Norberto Depizzolatti. Música: Marcelo Muniz. Florianópolis, 1992. (26 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sTUiEk5ELoU> e <https://www.youtube.com/watch?v=3QQ072YrgEY>>. Acesso em: 05 nov. 2014.(1992)

FIGALGO, Manuel. **Açores**: ensaios de sociologia. Açores: Instituto Açoriano de Cultura, 1995. 524p.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. 255p. ISBN 8532800998:

FRANZONI, Tereza. **Teatralidade e sociabilidade no planejamento urbano na Ilha de Santa Catarina**: Um caminho entre o passado e presente, a técnica e a política, a política e a festa. 2012

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Editora UFRJ, 2002.

GERBER, Rose Mary; RIAL, Carmen Silvia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Estranhos e estrangeiros**: um estudo antropológico com mulheres sobre a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia. 1997. viii,189f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas

HEMINGWAY, Ernest. **O sol também se levanta**. 5. ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1986. 257p

LACERDA, Eugênio Pascele. **Farra do boi**: introdução ao debate. Florianópolis: FCC, 1990. 85p.

_____. **Bom para brincar, bom para comer.**
Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. 127p. ISBN 8532802648

_____. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade.** Florianópolis, 2003. 290 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

LEIRIS, Michel. **Espelho da tauromaquia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 79p. ISBN 857503109

_____. **A idade viril: precedido por da literatura como tauromaquia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 199p. ISBN 8575032674..

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** 11. ed. São Paulo: Papirus, 2010. 320p

LISBOA, Armando de Melo. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas socio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Insula, c1996. 247p ISBN 8585949058: (broch.).

LUNA, Augusto Goicochea. **Tauromaquia andina.** Madrid: Cultura Hispanica, 1966.

LUPI, João Eduardo Pinto Bastos; LUPI, Suzana Maria; LOSEKANN, Maria Sandra. **São João do Rio Vermelho: memória dos Açores em Santa Catarina.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, [1989?]. 96p

MARTINS, Valmir; ACHADO, Mauro José. Notas para o estudo da Farra do Boi. **Revista Catarinense de História,** Florianópolis, v. 1, n. 1, p.7-12, maio 1990.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício.** São Paulo: Cosac Naify, 2005. 174p. ISBN 8575034553.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. **Manifesto Político-Ecológico**, in Diário Catarinense, 2 de Abril, 1988b.

_____. **Antropologia Como Crítica à Crítica cultural – Reflexão sobre a Farra e a Forra do Boi, sobre valores dificilmente conciliáveis e sobre a cidadania do antropólogo.**

Comunicação ao III encontro da ABASul, Curitiba (11 a 15 de novembro), 1991.

_____. ABA recomenda ouvir "farristas". Boletim da Aba. Brasília, p. 11-13. abr. 1992.

_____. **Dionísio em Santa Catarina: ensaios sobre a farra do boi.** Florianópolis: Ed. da UFSC: FCC Ed., 1993. 164p.

_____. **O estrangeiro: em torno da polêmica sobre o boi.** Plural, São Paulo, v. 6, n. 9, p.86-89, jan. 1997. Semestral.

_____. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996. in LEITE, Ilka Boaventura. **Ética e estética na antropologia.** Florianópolis, SC: PPGAS/UFSC, 1998. 137p.

PIAZZA, Walter F.(Walter Fernando). Os arquivos dos Açores e a história catarinense. **Ágora:** revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, v.2, n.3 , p. 3-9, jul. 1986.

_____. **A epopeia açorico-madeirense (1747-1756).** Florianópolis: Ed. da UFSC: Ed. Lunardelli, 1992. 488p.

_____; MELO, Osvaldo Ferreira de. **A epopeia açoriana: 1748/1756.** Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1987. 38p.

ROMERO DE SOLÍS, Pedro. **Sacrificio y tauromaquia en España y América.** Sevilla: Universidad de Sevilla, 1995. 292p. ISBN 844720233X.

SAHLINS, Marshall David. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 111 p. ISBN 8575933395

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. 5. ampl. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2004. 118p.

_____. Espera do gado na Terceira. In: **Ensaio Oportunos**. Florianópolis: Academia Brasileira de Letras, Nova Letra, 2007. p. 142-144.

SILVA, Celia Maria e. **Ganchos/SC**: ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Ed. da UFSC, 1992. 197p.

SILVEIRA, Nise da (Org.). **A farra do boi**: do sacrifício do touro na Antiguidade à farra do boi catarinense. Rio de Janeiro: Numen, 1989.